



SEÇÃO: ENTREVISTA

Uma entrevista com o escritor José Falero¹

An interview with writer José Falero

Una entrevista con el escritor José Falero

André Natã Mello

Botton²

orcid.org/0000-0002-2136-7544

andre.botton@edu.pucrs.br

Recebido em: 31 ago. 2021.

Aprovado em: 02 dez. 2021.

Publicado em: 22 abr. 2022.

Resumo: Nesta entrevista, o escritor gaúcho José Falero, autor do livro de contos *Vila Sapo* (2019), do romance *Os supridores* (2020) e do livro de crônicas *Mas em que mundo tu vive?* (2021), resgata aspectos de sua vida, relembra diversas experiências e a sua relação estabelecida com o espaço urbano de Porto Alegre; além disso, também expõe como se dá o seu processo de escrita e apresenta suas principais influências de leitura. Com isso, o objetivo desse diálogo é estabelecer um espaço possível de escuta de um agente emergente no campo literário brasileiro e que tem se consolidado nesse meio como um dos mais relevantes escritores na contemporaneidade. Desse modo, José Falero traz em suas respostas importantes reflexões sobre o contexto social brasileiro, sobre sua prática de escrita, sobre a literatura brasileira e sua visão de mundo.

Palavras-chave: José Falero. Porto Alegre. Processo de escrita. Literatura marginal das periferias.

Abstract: In this interview, the writer José Falero, author of the short story book *Vila Sapo* (2019), the novel *Os supridores* (2020) and the book of chronicles *Mas em que mundo tu vive?* (2021), recalls aspects of his life, remembers various experiences and his established relationship with the urban space of Porto Alegre; in addition, he also exposes how his writing process occurs and presents his main reading influences. The goal of this dialogue is to establish a possible space for listening to an emerging agent in the Brazilian literary field who has consolidated himself as one of the most relevant contemporary writers. In this way, José Falero brings in his answers important reflections on the Brazilian social context, on his writing practice, on Brazilian literature and his worldview.

Keywords: José Falero. Porto Alegre. Writing process. Marginal literature of the peripheries.

Abstract: En esta entrevista, el escritor José Falero, autor del libro de relatos *Vila Sapo* (2019), de la novela *Os supridores* (2020) y del libro de crónicas *Mas em que mundo tu vive?* (2021), rescata aspectos de su vida, recuerda diversas experiencias y su relación establecida con el espacio urbano de Porto Alegre; además, también expone cómo ocurre su proceso de escritura y presenta sus principales influencias de lectura. El objetivo de este diálogo es establecer un espacio posible para escuchar a un agente emergente en el campo literario brasileño que se ha consolidado como uno de los escritores contemporáneos más relevantes. Así, José Falero aporta en sus respuestas importantes reflexiones sobre el contexto social brasileño, sobre su práctica de la escritura, sobre la literatura brasileña y su visión del mundo.

Keywords: José Falero. Porto Alegre. Proceso de escritura. Literatura marginal de las periferias.

Introdução

José Falero nasceu em 1987, em Porto Alegre, filho de Rita Helena



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq).

² Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Falero e José Carlos da Silva. Estreou na literatura em 2019 com o livro de contos *Vila Sapo*, pela Editora Venas Abiertas; em 2020, publicou o romance *Os supridores*³ e, em 2021, publicou o livro de crônicas *Mas em que mundo tu vive?*, ambos pela Editora Todavia. Além disso, mantém uma coluna semanal na revista digital Parêntese.

Conheci primeiro o livro *Vila Sapo* por meio de uma indicação feita pelo professor Luís Augusto Fischer, que fortemente me recomendou a leitura. Em seguida, entrei em contato com José Falero com interesse de comprar um exemplar. Logo nos encontramos na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e seguimos conversando, até que propus uma entrevista para conhecer melhor a sua trajetória e registrar o seu percurso até aquele momento. Prontamente ele aceitou e, durante mais de duas horas, com *funk* ao fundo da gravação, nas escadas em frente ao campinho de futebol (enquanto acontecia um jogo), na Vila Viçosa, Lomba do Pinheiro, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 12 de dezembro de 2019, aconteceu nossa conversa. Aproveito para registrar aqui meu agradecimento ao escritor, que desde sempre, mostrou-se muito aberto para o diálogo e também pela parceria desenvolvida durante esse tempo.

Em um dos textos que eu li sobre ti, dizia que há o “José Falero” escritor, e o “José Carlos da Silva Júnior”, qual é a diferença entre os dois?⁴

Falando assim de mim, o que que acontece. Eu era um cara normal, jogava uma bola e ficava de boas nessas escadas aqui. E, beleza, até então, tudo bem. Eu comecei a me tornar uma aberração quando eu comecei a ler livros. Porque quase ninguém aqui tem o hábito de ler, pouca gente tem isso. O que que acontece, eu vim morar aqui de volta quando minha mãe se separou do meu pai e minha irmã ficou morando

com meu pai lá na Cidade Baixa. Eu tinha uns 12 ou 13 anos... 2000, por aí... Minha irmã ficou lá porque ela já tava cursando no Parobé.⁵ Ai, tu mora na Cidade Baixa e tu estuda no Parobé, velho, tu vai ter um contato com um outro tipo de educação. Então, eu segui aqui, sendo como todo mundo é aqui, minha irmã, não. Minha irmã começou a ter contato com leitura, ter contato com teatro, se apaixonou pelo teatro e no teatro ela começou a ler muito Brecht que é um cara muito respeitado, foi pra peneira, “bã, quero fazer teatro!”, se formou em Pedagogia da Arte que é pra dar aula de teatro, e teve contato com muitos outros textos, e toda vez que ela vinha me visitar aqui ela dizia “tu tem que ler, tu tem que ler...” e eu não queria ler. Eu não gostava de ler. Ai eu dizia, “não, meu, qual é a moral? Eu gosto de revista em quadrinho, eu gosto de ver filme e pronto, tem a imagem, tem o filme, tem o som, o que que eu vou ganhar lendo? Não tem sentido!” Só que um dia ela disse um bagulho que daí me pegou, tá ligado? Ela falou assim: “Meu, eu não vou mais insistir pra ti ler, mas assim, tu nunca leu nenhum livro, tu não pode me dizer se é bom ou se é ruim. Lê um livro, e depois que tu ler, eu vou respeitar a tua opinião, até lá, eu não respeito a tua opinião”. E aquilo ali ficou martelando na minha cabeça. Claro, eu podia ter mentido que li um livro e não gostei, chegar pra ela e dizer: “Li e não gostei”. Ai peguei emprestado com um amigo um livro que chamava *Besta-Fera*⁶ que era sobre lobisomens. Eu li aquilo ali e fiquei “cara, nenhum filme proporciona isso!” Ai eu nunca mais parei de ler, comecei a ler todo o tipo de coisa!

Com isso, eu comecei a me tornar um cara bizarro, porque ninguém me via mais na rua, porque eu comecei a ler muito e comecei a me interessar por coisas que ninguém aqui queria saber, entendeu? Então, eu comecei aos poucos a ficar incompatível com as pessoas, tá ligado? Eu me sentava com *os nego* aqui e eu ia falar do

³ O romance é um dos finalistas na quarta edição (2021) do Prêmio Minuano de Literatura na categoria “Ficção: Romance/Novela”, realizado pela Secretaria de Estado da Cultura, por meio do Instituto Estadual do Livro (IEL) e em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/premio-minuano-de-literatura-finalistas>. Acesso em: 29 set. 2021.

⁴ Uma vez que a entrevista foi gravada, optou-se por manter a transcrição do diálogo da entrevista de forma literal.

⁵ Escola Técnica Estadual Parobé, localizada na Cidade Baixa, em Porto Alegre.

⁶ De Jack Woods, publicado em 1988.

livro... eu queria falar, sabe?! E eu sei que eles não queriam saber, mas aí as coisas que eles falam eu também não queria mais saber, entendeu? De droga, de morte, de baile, tá ligado? Assim, aos poucos eu fui me ausentando da rua, isso foi um processo de meses, talvez um ano, dois. Ao ponto de eu não sair mais pra rua. Velho, eu ficava lendo, eu só lia, eu ficava lendo, lendo, lendo, lendo, lendo...

Daí, o José escritor, o José Falero, que é o que dá o mote pra pergunta, nasce do seguinte: na real sou um cara inclinado à produção, tudo o que eu acabo aprendendo, que eu tenho a oportunidade de aprender, eu quero produzir! Quando eu aprendi a tocar cavaquinho, por exemplo. Eu não consigo ouvir música, ligar o rádio e ouvir umas músicas. Se eu começo a ouvir música, eu começo a tentar a tocar essa música, no violão ou no cavaquinho. Eu não aguento ficar ouvindo, eu quero produzir! Daqui a pouco eu quero compor, sabe? E isso é uma característica. Sobre a leitura, eu fiquei um tempão lendo, lendo, e daqui a pouco caiu a ficha: "por que eu não escrevo?" E, principalmente, porque embora eu gostasse muito de ler, eu reparava que não tinha nada a ver com a minha realidade isso. Assim, o cara tava numa crise existencial, o mote da história é esse, aí ele resolve viajar para Paris, pra ver o que acontece. Velho, sabe?! Não tem nada a ver com a minha realidade. Eu queria ver o personagem que lava a louça. O personagem que quer ir estudar e não tem passagem, que vai a pé, ou que se ferra com os ônibus lotados. O cara precisando de um trampo e não tem, e tem que alimentar as crianças, como que faz, tá ligado? As coisas que eu vejo aqui na minha realidade eu queria ver isso nos livros e não via. E tudo isso começou a me incomodar, assim, eu pensei: "meu, eu vou começar a escrever!" Aí está, a partir disso nasce o José escritor, o José Falero.

Mas tem uma coisa muito louca, que eu tive sorte, tem coisas na vida que são ao acaso, são pequenos detalhes que fazem toda a diferença na tua vida, sabe? Se eu nunca tivesse aprendido

a fazer nada e começasse a escrever, talvez eu tivesse desistido, mas eu tinha aprendido já a tocar instrumentos, eu tinha aprendido a desenhar, eu tinha aprendido a programar computadores quando eu comecei a escrever. Então, eu escrevi o primeiro texto e ficou muito ruim! E eu olhei pra aquilo e disse: "bom, isso tá ruim!" Sabia que não estava bom porque eu lia muito. Aí eu pensei assim, olha, como eu já tinha esse histórico de aprendizado, o fato de eu ter aprendido e insistido em coisas antes de eu começar a escrever, eu pensei: "cara, é questão de tempo, tempo e prática, vai ficar bom!" Eu escrevia, escrevia, "não, isso aqui tá ruim!" Lixo! Escrevia, escrevia, lixo! Escrevia, escrevia, escrevia, lixo! Aí teve uma hora que eu escrevi, eu olhei assim, "ô, mas isso aqui tá legal! Isso aqui tem um valor!" Eu comecei a guardar, então foi todo um processo.

Na real esse nome, esse pseudônimo, o nome artístico vem da minha mãe que é Rita Helena Falero, e eu não herdei esse nome porque o meu nome é o mesmo do meu pai. Meu pai se chamava José Carlos da Silva, e eu tenho o mesmo nome dele, José Carlos da Silva Júnior. Então, não herdei o "Falero". Minha irmã herdou, Caroline Falero da Silva. Ela herdou os dois nomes, o do meu pai e o da minha mãe. E como eu só herdei o nome do meu pai, eu queria fazer uma homenagem pra minha mãe. Porque assim, velho, minha mãe, segurou muita barra pra mim, sabe? Minha mãe me criou pro sonho, tá ligado? Sempre me incentivou pras minhas loucuras, de aprender... teve uma época que eu queria ser músico. E ela me incentivava: comprou instrumento, comprou livros de teoria musical para eu estudar. "Bá, não quero mais, eu quero ser desenhista!" Comprava as coisas, comprava os materiais de desenho, sempre me apoiou. "Não quero mais, quero ser escritor!" Entende? Sempre me apoiou! E não é uma coisa muito comum, uma mãe criar o filho assim. E aí, decidi fazer essa homenagem. Até porque, minha irmã já era "Falero", eu achava que tinha a ver, sabe? Minha irmã já era uma atriz que tava tendo uma boa importância aqui em Porto

Alegre. Ela chegou a concorrer ao prêmio de melhor atriz de Porto Alegre, o Tibicuera.⁷ Teve um espetáculo até que eu participei, mas, enfim, tinha uns que eu não participava. E ela tinha já um nome assim, conhecia muita gente da arte, aqui e tal, e "Caroline Falero" é o nome dela, e eu achei que tinha a ver José Falero, sabe? Já para criar essa associação. E também uma homenagem pra minha mãe. Daí adotei esse nome, ao invés de José Carlos da Silva Júnior. Comecei a assinar os meus textos como José Falero por causa disso.

É possível dizer que tu escreve da tua quebrada? Qual a relação que tu estabelece?

Não, não só. Eu nem comecei a escrever sobre a minha quebrada. Quando eu escrevi *Vila Sapo*, foi a primeira vez que eu comecei a falar da minha quebrada, eu escrevia sobre outras coisas, e agora as próximas coisas que eu vou escrever também talvez não sejam sobre a minha quebrada, ou talvez sejam. Mas o que eu escrevo desde sempre é sobre coisas que me incomodam, é sobre isso que eu escrevo. Não é incomodar no mau sentido, são coisas que eu fico pensando.

Uma vez eu vi uma definição muito boa de escrita. Eu não me lembro quem falou isso, "a escrita é filosofia aplicada". Entende? Pra mim é isso. Eu ia tramar e tinha coisas que eu ficava o dia todo pensando, não conseguia deixar de pensar. Por que as coisas são assim, por que que isso é assado? Coisas que eu pensava com frequência. E são essas coisas que me levam a escrever. Não importa, eu posso tá falando da minha quebrada, ou em um outro texto que eu tô escrevendo agora que não tem nada a ver, sabe? Não é da minha quebrada, enfim, mas são coisas que eu penso sobre tudo, né?! A gente pensa sobre um monte de coisa, na real. Às vezes a gente pensa sobre coisas mais voltadas assim, sei lá, mais voltadas para a sociologia. Por que que tem essa diferença de classes? Por que as pessoas que não têm grana? Mas às vezes a gente pensa

assim: "velho, por que as pessoas sofrem?" Uma coisa mais geral, assim, sabe? Enfim, mas são coisas que... é isso que me leva a escrever, são coisas que eu gasto tempo pensando durante o dia. E vou lá e aplico na escrita.

E como você encara a ideia de "periferias"?

Tem esse conceito de que periferia não é só um lance geográfico, tá ligado? Vai além disso, porque tem a [Vila] Planetário lá no entro que é assim ó, é esse clima aí [refere-se ao clima do jogo de futebol], *funk*, gurizada aí com mais ou menos a mesma mentalidade, mesma forma de se expressar e é perto do centro. Então, não é uma coisa geográfica é uma coisa existencial onde as pessoas podem existir de uma forma parecida. Tá, periferia é periferia, mas o Pinheiro aqui tem um resquício rural porque aqui isso tudo era fazenda.

Mas eu acho que essa noção de periferia já passou há muito tempo da geografia, aí hoje tem, por exemplo, a série *Sintonia*⁸ que é produzida dentro de uma periferia, mas as pessoas se identificam.

Sim, cara! Olha que louco! Isso não é de agora, os Racionais estão gravando faz tempo. Os caras são da quebrada de São Paulo e eles gravaram lá o *Sobrevivendo no Inferno*⁹ sei lá, faz tempo, nos anos 1990. Meu, a quebrada aqui, outro lugar, do outro lado do Brasil, a gente ouvia e se identificava, todo mundo sabia do que eles estavam falando.

Tu consegue perceber algumas coisas que são parecidas, que são similares, acho que a exclusão de quando tu pensa sobre essa galera que a gente tá conversando, no início de 2000, não era uma coisa que acontecia só em São Paulo. O que Racionais tá discutindo é algo que a galera lá na periferia de São Paulo

⁷ O Prêmio Tibicuera de Teatro Infantil é realizado em Porto Alegre desde 1979.

⁸ Dirigida por Kondzilla e produzida por Losbragas, a série *Sintonia* foi lançada em 9 de agosto de 2019 na Netflix. É a história de Nando, Doni e Rita tentando, cada um ao seu modo, melhor de vida em uma periferia de São Paulo.

⁹ Com doze músicas, é o quarto álbum do grupo de rap Racionais MC's lançado em dezembro de 1997.

tá vivendo, mas a periferia aqui do Rio Grande do Sul também tá.

Sim, uma série de coisas. Na real, todo o debate deles, o cara vai se identificar. Eles vão debater as drogas. Eles vão debater esse lance das pessoas, teus camaradas que se atiram nas drogas, eles vão debater! Eles vão discutir todo tipo de coisa, todo tipo de situação que o cara da periferia de qualquer lugar deste país vai ter experimentado ou já viu alguém passar. Tem uma música que se chama "Fórmula mágica da paz" é só um exemplo, têm várias situações. O que acontece? O cara é da quebrada, não tem dinheiro, aí ficou amigo dos loucos do dinheiro, então várias festas, várias coisas e daqui a pouco, tu sabe né, acabou aquilo, acabou, cada um pro seu lado e o cara ficou viciado. Mano, isso é uma coisa que todo mundo já viu acontecer, não sei se tu já ouviu essa: "Exemplo pra nós, mó moral, mó ibope/ Mais começo cola com os branquinho do shopping/ (Aí já era) ih mano outra vida outro pique/ Só mina de elite, balada vários drinque./ Puta de butique, toda aquela porra sexo sem limite/ Sodoma e gomorra/ Hã faz uns nove anos/ Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano/ Se tem q ver pedindo cigarro pros tiozinho no ponto/ Dente tudo zuado, bolso sem nenhum conto". Sabe, todo mundo já viu isso acontecer com as pessoas, em qualquer lugar, qualquer periferia de qualquer lugar do país, não é só lá em São Paulo. Só que assim, tem uma coisa que eu fico viajando, não sei se tu, sei lá, em algum momento pensou sobre isso, mas tá, eu tô falando da periferia, que é uma coisa que acontece aqui, que é uma coisa que vai acontecer na periferia de São Paulo, ok, tem tudo isso. Mas um aspecto que eu fico pensando é o seguinte: eu tenho a impressão de que aqui para o Sul do país, cara, é tipo muito mais camuflado essas coisas, é muito mais. As pessoas tomam um susto, às vezes, gente daqui, de Porto Alegre, dependendo de outras regiões da cidade, regiões mais centrais, elas tomam um susto quando eu conto essa história, tipo, "isso é aqui!". E ninguém sabe.

Qual é a diferença que tu percebes, então, nessa relação entre periferia e centro?

Muitas, cara, embora seja uma tragédia, a maior parte das coisas que eu tô contando nesse livro *Vila Sapo*, eu mostro pros caras daqui. Pra começar que muita gente aqui não tem o hábito de ler, mas as pessoas daqui que leram, vêm com esse papo, "ah, ô, meu, que demais, velho! Poxa, não sabia que tinha livro assim..." Uns papos assim, sabe? No colégio, hoje eu fui ver ali uma atriz amiga minha que tá fazendo um espetáculo, as crianças me abraçam e tipo: "bá, li teu livro, tio, bá nunca tinha lido um livro!" Só que as pessoas daqui têm essa reação de identificação, no sentido de que é bem assim mesmo. E não se espantam, sabe? Porque vivem isso.

Cara, teve uma mulher que fez uma resenha. E quando ela leu, o que ela falou pra mim resume o que algumas pessoas de outras regiões da cidade pensam. Ela disse assim pra mim: "cara, o teu livro eu fiquei perturbada! Eu li o teu livro e não conseguia dormir. Não consegui mais dormir. Porque eu não imaginava que tivesse isso aqui. Eu imaginava que isso fosse em São Paulo, isso fosse no Rio, não imaginava isso em Porto Alegre". Ela falou pra mim isso. E esse é o impacto que causa nessas pessoas de regiões mais centrais de Porto Alegre e que é totalmente diferente do impacto que causa nas pessoas aqui, enfim. Eu fico pensando, não sei, se é viagem minha, mas eu tenho impressão de que aqui pro Sul é mais mascarada essa questão porque, por exemplo, pra tu ter noção, eu fiquei morando um ano em Campo Grande, é uma cidade que tu não vê ninguém que nasceu lá. "Ô, meu, de onde tu é?" "Eu sou de São Paulo". "De onde tu é?" "Eu sou da Bahia". É tudo de fora. E os caras ficavam muito surpresos com o meu modo de falar: "Ô meu, vamo tomá um gelo, bá, tá ligado?!" "Ô, meu, tu não é de Porto Alegre, não é possível, tu não fala 'tchê'". Entendeu?

Tu não vai acreditar no papo que eu ouvi lá, velho! Eu fui morar na casa de um *brother* meu que saiu daqui e foi morar lá, aí o pai dele morava junto e a mulher do pai dele. Olha o papo que eu

ouvi uma vez, ela contou o seguinte, porque ela é de Curitiba, que é uma cidade muito reacionária, de modo geral, não é todo mundo, e o cara é de Alegrete. Uma vez ele trouxe ela pra umas férias em Alegrete, mas passaram aqui em Porto Alegre, vieram na Lomba do Pinheiro. E ela me contando essa história, a mina superpreconceituosa: "nossa, uma vez o Zé me levou (porque o nome do cara era José também, mesmo que o meu) uma vez o Zé me levou pro Rio Grande do Sul, nossa! A gente pensa que é só gente bonita, mas chegando lá tinha um monte de preto, pra todo lado que eu olhava tinha preto..." é, cara, impressionante! E eu ouvindo aquilo fiquei de boca aberta! Muito preconceituosa... É uma visão de fora, porque quem olha de fora pensa que Porto Alegre é uma cidade que não tem periferia, velho. E não é só quem olha de fora, em Porto Alegre tem gente que pensa isso aí também.

Me parece que há outra relação que tu estabelece nos contos entre centro e periferia, como no "Um otário com sorte", esse contato não está tão duro, ou seja, o otário da periferia circula pelo centro e ok. O que que tu pensa sobre isso?

É sobre isso. Tem umas coisas, que nem ali quando a gente encontrou o camarada, eu tava falando sobre as diferenças do tempo, né?! O tempo vai passando, a sociedade vai mudando. E aí, eu me lembro da minha época [de escola]. Eu tava no colégio e a professora pediu para a gente cantar uma música, e eu cantei Racionais, "Fórmula mágica da paz", ela me expulsou da sala porque aquilo ali não era música, aquilo ali era um desrespeito eu cantar naquele lugar. E aí, hoje, dando esse salto pra hoje, é um texto [a letra da música] que é leitura obrigatória para entrar na Unicamp [Universidade Estadual de Campinas], sabe?! Ou seja, de lá pra cá houve uma transformação. Hoje, nesse mesmo colégio onde me expulsaram da sala, eu fui palestrar sobre o meu livro que tem um monte de palavrão, entendeu?! Que é a mesma coisa, sabe?

Então, teve uma transformação e essa trans-

formação, do passar do tempo, traz uma série de efeitos. Por exemplo, um dos efeitos é esse: eu penso que nessa época que me expulsaram da sala, a segregação era muito mais forte. Meu, tu não tinha liberdade nenhuma pra te expressar, falar do jeito que tu tá acostumado a falar, te vestir do jeito que tu tá acostumado a te vestir, nos lugares centrais da cidade. Não tinha, ia ser vergonhoso, sabe? Era tudo muito diferente! Mas ainda tem resquícios disso. Hoje em dia tu vê o cara da quebrada que ele anda assim: ele tá de chinelo, tá de bermuda, ele se sente à vontade assim, mas então ele vai pro centro, o que ele vai fazer? Ele vai se fantasiar, ele vai se vestir de um jeito que ele não se veste no lugar onde ele mora. Ele vai botar uma calça de brim, uma calça social, um sapato, de repente, uma camisa polo. Pra poder se sentir digno de estar "no centro". Sabe isso? Ainda tem! Mas hoje em dia já é perfeitamente possível, tu consegue ir pro centro e para os espaços de poder, pra UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul], por exemplo, pra PUCRS, enfim, de chinelo, sabe? Acontece, as pessoas vão! As pessoas estão tomando essa coragem de se expressar, a forma como tu fala, a forma como tu te veste, a forma como tu te comporta, os teus valores culturais, morais e tudo mais. Expressar tudo isso nesses espaços à vontade assim.

E tu pensar que na escola, como aquela instituição de saber e de um saber instituído, um autor da periferia tá sendo lido, tá sendo discutido, tá sendo levado pra lá, já demonstra essa reviravolta, essa mudança, certo?

Claro, já demonstra isso! Exatamente! Na real, tudo isso que acontece, diminui a segregação, tá ligado? Tu começa a te sentir à vontade em outros cantos da cidade, é claro que tem o lance econômico, que também se agrega, entende? Às vezes, tem evento de graça na beira lá do Guaíba, lá no Anfiteatro Pôr do Sol. Um evento de graça e é um bagulho que te atrai porque é um *hip hop* ou é *funk*, bá, tu acha massa, e tu não tem duas passagens pra ir, tu não tem! Entendeu? Então,

tá, aí o lance econômico também se agrega, mas acontece que outras barreiras começaram a cair, sabe? Tipo, tu vai pros lugares e as pessoas te respeitam, as pessoas não te consideram, sei lá... não tanto, né? Isso tá reduzindo, não é que acabou, mas às vezes as pessoas têm a consciência de que tu não é um marginal, por exemplo, tu não é um ladrão, que tu não vai matar ninguém.

Mas esse olhar de que tu é um marginal, tu apresenta nos teus textos?

Sim, porque ainda existe, né? Só que aí é que tá... Por uma série de questões, cara. Mas acontece que... tu me fala nessa diferença de visão da periferia em relação aos espaços centrais?

Eu te pergunto por que tu não tá escrevendo do "centro", tu tá escrevendo da tua casa, dentro do Pinheiro, da Vila Sapo e tudo mais. Então, é essa forma com que tu olha dali desse espaço pra esses lugares. Então, assim, voltando ao "Um otário com sorte". No conto, é esse cara que sai da periferia, que vai encontrar a irmã, lá no Shopping Total, na Zona Norte de Porto Alegre. E aí, esse cara, esse otário, passa por todos os espaços desde a periferia, passa ali pela Cidade Baixa, pelo Bom Fim, PUCRS e que são lugares que segundo a nossa sociedade, aquele otário da história não pertenceria, mas esse cara se sente pertencente a isso.

É, quase isso! Porque eu acredito que a gente tá caminhando pra que um dia seja plenamente e exatamente isso que tu tá dizendo. Na verdade, velho, eu acho que a gente tá progredindo nesse sentido, o que é diferente de já ter chegado nesse ponto. Eu acho que a segregação já foi bem mais forte, a gente tá num processo de melhorar essa questão. Tu quer ver um exemplo? Uma vez eu escrevi uma crônica falando sobre o meu incômodo, e isso é verdade, de estar na UFRGS. Uma vez eu escrevi uma crônica sobre isso. Cara, é um terrorismo, pra mim, na época, era um terrorismo estar lá, sabe? Porque eu me lembro que eu trabalhei lá na UFRGS como

ajudante de pedreiro, a gente tava construindo um lance lá e eu era o ajudante do pedreiro. Então, eu ia comprar refrigerante na cantina, no meio-dia ali, na hora de descansar. Tem uma tradição entre os pedreiros e os ajudantes de pedreiros, que é assim ó: o pedreiro como ganha mais, ele paga o refri, mas o ajudante tem que ir comprar não interessa onde for. E eu ia na cantina comprar e era um inferno porque as pessoas da minha idade bem vestidas, limpinhas, sentadas na cantina e almoçando uns almoços de quarenta ou cinquenta pilas, entendeu? E eu todo sujo, todo machucado porque era um trabalho que machucava, o pé sangrando e todo desgraçado, o chinelo remendado, sem dinheiro pra nada. E eu ia ali, imagina, velho, era horrível! E foi uma vida inteira assim! Não que eu tenha trabalhado lá a vida inteira na UFRGS, mas todos os espaços que eu trabalhei, quando eram espaços assim, obviamente eu me sentia inferiorizado.

Então, quando eu apareci lá, a primeira vez que eu fui lá depois disso tudo foi pra assistir uma palestra da Érica Peçanha. Sabe? Mas foi um inferno porque quando eu entrei na sala, tudo isso reativou, entendeu? Tu olha em volta e não vê ninguém parecido contigo, as pessoas não falam como tu, elas não se vestem como tu, elas não têm o mesmo pensamento que tu, elas não têm a mesma visão de mundo, elas não gostam das mesmas músicas, elas não... nada! É horrível! E tu sabe que não precisa ser um intelectual pra isso. A molecada daqui sabe, ela sabe que tudo que é valoroso pra eles aqui é motivo de vergonha nesses espaços, entendeu? Meu, aqui eles chegam, escutam um *funk* tri de boa e pá, e conversam sobre aquilo, conversam sobre Racionais e não sei o que, as mortes, aquelas coisas que eles estão acostumados a ver, a cultura de um modo geral, os valores e eles sabem que tudo isso daqui é motivo de vergonha nesses espaços, então, quando eu cheguei lá na UFRGS, eu tinha esse trauma. Eu tô perdendo isso aos poucos por causa desse lance de ir nesses lugares falar sobre o livro, em vários lugares, né?

Cara, eu fui lançar agora a segunda edição [de *Vila Sapo*] na UFRGS, eu fui exatamente assim

como tu tá vendo: de chinelo, com essa mesma bermuda e com essa camisa. Porque hoje em dia isso é possível! E eu falar do jeito que eu falo, e tá tudo certo, entendeu? Mas cara, isso é hoje. De qualquer forma, como a gente não chegou ainda no ponto ideal, digamos, que é o que tu tava falando, de que "ah, não, agora tá tranquilo!", como a gente ainda não chegou a isso, o que acontece: na UFRGS é uma coisa, o dia que eu lancei era uma aula da Pós-Graduação em Educação, um bagulho assim... Eu lancei lá. Então, poxa, as pessoas que estão ali, estão preparadas para isso, né? Isso é uma coisa. Outra é tu pegar o ônibus vestido assim, descer do ônibus vestido assim e passar pelas pessoas vestido assim. As pessoas ali não estão nesse ambiente acadêmico, as pessoas não refletem sobre isso, não debatem sobre isso, não participam das conversas sobre isso, elas não querem saber disso. Elas olham pra isso e ainda hoje elas pensam que tu vai roubar, isso é muito comum, velho. A gente tá progredindo, mas aos poucos.

Voltando para o Vila Sapo, são duas perguntas em uma: como se deu a escrita dele? O processo de escrita dos seis contos. E a gente percebe que tem uma força de realidade imensa ali, pois tu tá falando do teu espaço, e são histórias que são possíveis de acontecer na realidade, mas qual é o limite entre realidade e ficção nas histórias? O que é realidade e o que é ficção?

Vou começar primeiro sobre o processo: eu tava escrevendo um romance que tinha personagens de muitos lugares da cidade e tinha um personagem que era daqui. Daqui não porque nós estamos gravando na [Vila] Viçosa. Era ali na Vila Sapo e o personagem era o Davi. Quando eu cheguei na parte do romance que eu ia falar sobre esse personagem, sobre o lugar dele, eu queria falar com propriedade, "bom, tenho que pesquisar sobre esse lugar aqui". E comecei a

procurar material na *internet* e tal, mas bem difícil de achar, obviamente! Nisso eu achei uma pérola: tem um livro que se chama *Memórias do bairro Lomba do Pinheiro*.¹⁰ Tem um livro pra cada bairro de Porto Alegre, porque foi uma iniciativa lá da época que o PT [Partido dos Trabalhadores] administrava a prefeitura aqui e eles lançaram isso, um livro contando a história de cada bairro e tinha o da Lomba do Pinheiro. Baixei, era no *site* da prefeitura mesmo que tinha. Era enorme, muito completo, muito bem feito! Comecei a ler e descobri como se formou cada uma das vilas da Lomba do Pinheiro, era muito bacana! O livro é gigante! Pra tu ter uma ideia de como o livro é completo: ele começa contando na época em que tinha escravos aqui, de lá pra cá pra tu entender como se formou o Pinheiro. Ai, eu entendi como se formou cada uma das vilas, entendi como se formou essa aqui que a gente tá, a Viçosa. Entendi como se formou aquela lá em cima, a São Carlos. E a Vila Sapo ali, entre a Viçosa e a Nova São Carlos. Ai eu comecei a perceber que o pessoal ali daquela vila [São Carlos] não é reconhecido como pessoal daqui [Viçosa], eles têm uma associação dos moradores ali onde eles fazem reuniões, decidem quem vai ser representante, essas coisas, a gente não pode participar porque a gente não é considerado parte.¹¹ Lá [na São Carlos] também acontece a mesma coisa e a gente não pode participar, então pensei: isso aqui não é lá e lá não é cá, então isso aqui é uma coisa diferente. Beleza. Mas como é o nome desse lugar? Vamos ver... Na época não tinha o advento do Google de tu ir olhar o Google Maps, né? Eu peguei uma lista telefônica, sabe o que tinha na lista telefônica? Tinha assim: Viçosa, Nova São Carlos e no meio não tinha nada. Não tinha! Segundo o mapa oficial não existia esse lugar. Olha que viagem! Não tem nome oficial, não consta nos mapas. Só que informalmente quem mora ali chama de Vila Sapo tem esgoto a céu aberto ali, então quando chove transborda e quando baixa tem um monte

¹⁰ O livro faz parte da coleção "Memória dos bairros", organizado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre e publicado em 2000.

¹¹ Dessa maneira, pode-se dizer que José Falero contribui com seu livro, *Vila Sapo*, para a construção imaginada do espaço da Vila Sapo ao publicar o seu livro de contos.

de sapinho que aparece pulando pra lá e pra cá, Vila Sapo... Começou como um nome pejorativo, na real. Quem é de lá, quem é da Viçosa e vinha para jogar canastra no bar ali, começavam um a folgar no outro, né? Olha lá, aquele cara na porta foi o primeiro a chamar de Vila Sapo. Acabou de passar o autor do nome da vila. Eu nunca vou me esquecer do dia: *os nego* estavam jogando uma canastra ali valendo dinheiro, ele mora ali pra cima, o irmão dele mora aqui embaixo. O irmão dele estava junto, começaram um a folgar no outro, "não, que isso, tu é isso, tu é aquilo... E tu que mora aqui na Vila Sapo?!" *Os nego* não queriam mais nada! "O que tu quer, tu mora aqui na Vila Sapo!" Sabe? Era pejorativo. Só que aos poucos as pessoas foram se apropriando: "Não, eu moro na Vila Sapo". E perdeu esse sentido pejorativo.

Voltando, então, depois que eu fiz toda essa pesquisa enquanto eu tava produzindo o romance, eu pensei: "um dia eu vou escrever um livro de contos, histórias sobre a Vila Sapo, pessoas daqui" e fiquei com isso na cabeça. Tá, passou um tempo, acabou o romance, teve todo aquele lance, sobre eu ter conversado com o linguista que me convenceu a publicar o livro com a minha forma de escrita com as gírias, porque eu era um cara que eu estudei muito gramática, eu gostava de gramática e eu era um preconceituoso linguístico, eu escrevia tudo dentro da norma culta ou da "norma oculta", como diz a Conceição Evaristo. Eu estudei e achava legal e eu tinha isso, às vezes eu pegava um livro e via uma coisa escrita de maneira mais informal e eu achava um escândalo "Não! Não podia tá aqui isso!" Entende? E eu escrevia tudo assim, aí eu tive esse papo com esse linguista da Bahia, Oliveira Marcos, o nome do cara, e a gente passou uma noite toda conversando sobre isso e ele me desconstruiu esse pensamento, esse preconceito, porque como eu tinha te falado ali antes, era uma violência comigo mesmo. A forma como eu me expressei, o jeito como eu falo com meus camaradas, com minha família, com meus bruxos, era exatamente o que eu tava, sabe, esgoelando na hora de escrever, eu não deixava isso sair. Enfim, eu tive esse papo com esse cara, desconstruí

isso e fiquei pensando: "pô, tenho que começar a escrever assim..." e eu tinha acabado aquele romance. E aí, a primeira vez que eu fui fazer uso dessa forma de falar livre, "vou escrever como eu falo, como eu me expresso!", entendeu?! Vou falar como eu me expresso e azar! Foi nessa vez que eu fui ver a minha irmã, então aquilo ali é mais crônica do que conto...

O "Um otário com sorte"?

É. Eu fui encontrar minha irmã, a gente ia no Africanamente, é um espaço cultural perto do Shopping Total, e a gente ia se encontrar lá no Shopping Total. E eu fui nesse dia e aconteceu as coisas que dizem ali [nesse conto] que aconteceram, né?! E quando eu cheguei, eu nunca vou me esquecer, eu cheguei lá e falei assim pra minha irmã: "ô, mana, bá, seguinte, eu vou ter que escrever sobre hoje!" E ela falou: "Mas a gente nem foi ali, tu nem sabe se vai ser legal...". "Não, não é isso, a vinda, é sobre a vinda de lá até aqui, eu tive um insight, eu tenho que falar sobre as coisas que eu pensei, eu pensei sobre as coisas e eu preciso falar sobre essas coisas!" E ela: "Pô, legal..." e eu fiquei. Teve um evento lá sobre roda de samba, a gente teve uma oficina de roda de samba, foi muito legal! Mas eu passei o tempo todo ansioso, louco pra ir pra casa pra escrever sobre aquilo, né? E aí eu cheguei em casa tarde e acabei dormindo. No outro dia eu comecei a escrever, umas onze da manhã. E passei o dia nisso, escrevi, sei lá, das 11 horas até umas 3 horas da tarde eu já tinha escrito tudo, mas dali pra diante eu olhava e "não, aquela parte pode ficar mais assim..." Eu fui acabar de noite, eu passei o dia nesse texto e postei no Facebook, e foi o primeiro texto que eu escrevi na minha vida onde eu me expressei como eu falo com as pessoas, tá ligado?

No "Um otário com sorte"? No último texto do livro, o primeiro que tu escreveu?

Exato, é o último texto do livro e foi o primeiro que escrevi assim. Ok. Viralizou, pros meus

padrões viralizou, muita gente compartilhou... e cara, começou aquele lance legal, vinha gente comentar daqui da minha quebrada assim: "ô, meu, eu detesto ler, mas esse bagulho que tu escreveu, cara, o cara começa a ler e não consegue parar!" Meu, gente que nunca leu nada, velho, que não gosta de ler. E eu: "Poxa, velho, olha só o efeito disso!" Sabe? E duas coisas que daí me levaram a começar a escrever desse jeito assim: primeiro, eu gostei muito do processo de me sentir livre, sabe? Porque tipo, era todo o tempo amarrado antes disso... Tipo, escrevia e: "será que pode um verbo aqui, será que pode um...?" Sabe? Não! Se eu falo assim, é assim que eu vou escrever! Então, a liberdade eu gostei e gostei do efeito, tá ligado? O efeito nas pessoas, sabe? As pessoas que não gostam de ler, começaram a ler. E eu achei demais isso! Beleza, aí, tá, isso sobre o processo.

E a outra pergunta que tu tinha feito era sobre até onde era ficção e até onde era realidade. Cara, teve uma vez que eu fui num evento que chamava "Festa da Periferia", alguma coisa assim, "Festa Literária da Periferia", e aí tava o Jeferson Tenório, tava a Fernanda Bastos também, e eu nunca tinha publicado nada, e fizeram uma pergunta pro Jeferson sobre isso e a resposta que ele deu me atende muito! Ele disse assim: "É mais difícil do que a gente pensa definir essa fronteira entre a ficção e a biografia". Aí ele começou a desenvolver esse raciocínio, porque, cara, mesmo quando tu escreve uma autobiografia, tu tá falando sobre ti mesmo, sobre a tua vida, tem coisas que tu não quer contar. Tem coisas que tu pensa: "pô, isso não foi bem assim, mas se fizer assim fica melhor". Então, tu vai dar uma ficcionalizada leve, mas vai dar, né? Então, toda biografia tem alguma coisa de ficção. E a ficção tu pode escrever sobre uma coisa que tu nunca viveu, absolutamente fora da tua realidade, então tu escreve sobre astronautas, né? Tu não viveu isso, mas aquele astronauta tem uma peculiaridade no jeito que ele fala, ou se ele é gago, ou alguma outra coisa, sei lá, alguma coisa dele que tu pegou do teu tio, tu pegou da tua vivência, entendeu? Tu não tem como escrever, mesmo que seja muito ficção, tu

não tem como escrever fora do que tu viveu. A tua vivência é o teu subsídio pra tu escrever. Então, desse ponto de vista, toda ficção tem alguma coisa de biográfico. Então, no *Vila Sapo*, se tu for olhar os textos, alguns são mais ficcionais do que outros. Eu acho que o menos ficcional é o "Um otário com sorte", é o menos ficcional. Eu dei uma maquiada em algumas coisas, né? Algumas coisas que eu achei que ficariam melhor dessa forma, mas que não foi exatamente dessa forma. Mas tem muito pouco, é o menos ficcional. Mas alguns outros são mais ficcionais, mesmo estes, o louco é que eu vi alguma história parecida, sabe?

Aqui nessa escada, velho, eu ouvi cada história nessa escada, e foi nessa escada que a gente tá gravando isso, curiosamente, que eu ouvi a história que deu origem lá pro "Dignidade-relâmpago". Eu tava sentado aqui, conversando com um cara que tinha acabado de sair da cadeia, tinha sido preso por roubar um carro e ele tinha acabado de sair, então ele tava muito feliz porque tava livre, né? E aí, eu conhecia a história que tinha sido preso ele e mais um bruxo nosso aqui, tinham sido presos os dois. E a gente sabia que eles tinham sido presos, mas não sabia da história. E a gente pediu pra ele contar, e ele começou a contar a história: que eles tinham roubado um carro, que eles tinham feito isso, tinham feito aquilo e eu ouvindo... Todo circuito, cara, ele me contou quando eles abandonaram o carro, "a gente tem que abandonar esse carro senão eles vão me matar". Cara, ele me contando que "meu, bô, me enfiei embaixo de uma baia assim e fiquei, velho", só que pegaram ele igual. Mas enfim, foi uma história que eu ouvi aqui nessas escadas. Até que ponto é ficção?!

E o conto "Aconteceu amor"?

Aconteceu amor" é um processo meio grande. Eu queria escrever um conto para participar de um prêmio. A minha ideia inicial era o seguinte: ia se passar na quebrada, mas ia ser um lance assim, a estrutura, não sei se alguém já fez isso porque eu não tenho tanto conhecimento assim das pessoas que já escreveram, tanta gente já

escreveu tanto tipo de coisa, mas a ideia da estrutura era o seguinte, ó: um exemplo absurdo, o cara tá chegando do trampo e para pra comprar uns pães no mercadinho, vai ali comprar uns pães, mas daqui a pouco eu levo a cena já pra mostrar que tem um guri olhando ali, sabe? Então, tu pensa, a história nunca ia ficar num foco. Ai eu paro nesse guri, eu vou acompanhando esse guri e eu esqueço desse cara que chegou pra comprar o pão. Eu vou chegar numa outra pessoa, esse guri foi levar alguma coisa pra alguém, foi falar com a mãe dele, a mãe dele vai falar não sei o que e daqui a pouco eu começo a seguir a mãe dele, a mãe dele tem um amante, começo a falar sobre isso, sabe? E pulando de pessoa em pessoa. E o final seria aquilo ali do "Aconteceu amor", a história do guri que precisa das camisinhas, mas não é pra isso [para usar numa relação sexual], mas pra jogar num ônibus. Só que nisso tem um limite de caracteres do prêmio lá, eu comecei a escrever e vi que não ia dar pra colocar tudo isso no conto. Então, eu fiquei só com a ideia inicial do cara que chega pra comprar os pães no mercadinho, foi o que coube, né? Acabei, concluí e mandei pra lá, só que essa ideia ficou martelando na minha cabeça: o rapaz que vai comprar as caminhas, só que não é pra fazer sexo. E aquilo ali ficou martelando. A minha namorada é minha coautora, tudo o que eu escrevo tem o dedo dela. E ela falava "preto", ela me chama de preto, "preto, tu tem que escrever sobre isso, é uma baita ideia isso, sabe? É demais!" E eu achava legal também. Ai, quando eu comecei a escrever, eu me senti sujo como o texto, eu acho, faz com que os leitores se sintam sujos. Por que eu me senti sujo? Porque eu tava escrevendo aquilo ali e, cara, o fato de eu saber que isso ia provocar um efeito nas pessoas, as pessoas vão pensar que esse guri vai transar. O fato de eu saber disso é porque eu também tenho a mente poluída. Que é exatamente esse o efeito que causa nas pessoas, as pessoas têm certeza que eles vão transar, até o título sugere isso, né? Quando eu tava pensando no título, eu pensei em dizer, "Primeiro beijo", por exemplo, mas é que isso ia denunciar, "ah, então, eles não vão transar, é o primeiro beijo e eles não vão

transar". Então, eu botei "Aconteceu amor" que é pra continuar nessa ideia de sugerir...

Quais são teus grandes autores ou grandes livros que tu lê e te inspiram?

Primeira coisa, cara, tá, eu não ou fugir da pergunta, mas eu vou falar uma coisa que talvez te dê a impressão que eu tô fugindo da pergunta. Eu gosto muito de ler, de ler a natureza em si, sabe? Quando eu começava a ler e acabava [o livro] e eu não tinha dinheiro para comprar livros e eu não tinha de onde tirar mais, porque eu já tinha lido todos os livros que estavam disponíveis e eu queria continuar lendo, eu lia livros didáticos só para ler. O ato de ler, sabe? Um livro didático que eu começava a ler, de matemática, por exemplo, "dois mais dois é quatro", sabe? O ato de ler as palavras e pensar: "alguém escreveu isso aqui, alguém desenvolveu esse raciocínio". Eu gosto de ler. Mas claro, quando eu comecei a ler livros assim e tal, alguns autores eu gostava mais do que outros. O engraçado é que isso é muito cíclico, pelo menos para mim, ainda não existe, pelo menos até agora não aconteceu, de existir um cara que eu "nossa, esse autor é incrível!", e aquilo ali ir para o resto da vida, sabe? Pra mim isso é cíclico, entende?

A primeira pessoa que eu comecei a admirar muito foi a Agatha Christie. Eu comecei a ler muito Agatha Christie, mas as referências vão mudando por uma série de questões, velho. Isso era uma questão absolutamente social, por que que não chega em mim um livro da Conceição Evaristo ou da Carolina Maria de Jesus? Por que que não chegava? O que chegava era Agatha Christie. Eu não tinha como escolher meus livros. E eu comecei a ler Agatha Christie porque minha vô tinha uma coleção da Agatha Christie e eu não sei de onde ela tirou, provavelmente ela ganhou de algum trabalho, em alguma casa porque ela era faxineira e deram os livros pra ela. Ela não lia. E aí eu li todos os livros da Agatha Christie e eu achava muito bom. Hoje em dia eu acho ela uma escritora boa, isso foi mudando assim porque eu fui lendo outras coisas.

Cara, quando eu li Machado de Assis, eu fiquei admirado! E aí eu me lembro que quando eu li Machado, ele se tornou assim, "bá, Machado é um dos melhores!" E na medida do que eu podia procurar, começou a vir a época da internet, o que eu podia baixar de textos do Machado, eu baixava, eu tava trabalhando na época e o que eu conseguia encontrar em sebos de textos do Machado, eu comprava. Comecei a gostar muito do Machado e durante um tempo ele foi um grande pra mim, né? Que é essa a pergunta que tu fez pra mim. E isso seguiu mudando.

Cara, teve um divisor de águas na minha vida, até entrando na questão da literatura marginal-periférica, que eu tava muito a fim de desistir da escrita. Mas eu sabia que eu não ia desistir pelo seguinte, vou fazer um parêntese aqui: a imaginação ela traz respostas pra gente, uma série de pessoas na história chegou a grandes conclusões pela imaginação, elas não experimentaram aquilo, mas imaginando, elas chegaram a uma conclusão inteligente. Um dia eu tava pensando, eu tava muito a fim de desistir de escrever, eu queria muito escrever, gostava de escrever e tava muito a fim de desistir, e eu fiz um exercício de imaginação, acho que todo mundo em algum momento da vida pensa assim: "pô, eu queria falar com Deus agora ou sei lá quem" pra perguntar: "eu vou ter futuro escrevendo? Porque se não, eu não escrevo mais, se eu tiver, eu escrevo!" E aí eu fiz um exercício de imaginação: faz de conta que Deus tá aqui e eu pergunto: "eu vou ter futuro na escrita, na literatura?" E ele me diz: "não, tu não vai ter!" Eu fiz esse exercício de imaginação. E aí eu percebi que mesmo sendo essa a resposta, eu não conseguiria parar de escrever e aí eu fiquei tranquilo "não, então é isso, eu vou escrever, é o que eu quero e se não der, paciência, mas é o que eu vou fazer". Então, quando chegou nesse momento, nesse divisor de águas que eu tava falando anteriormente, eu já tinha feito esse raciocínio e eu sabia que eu ia escrever para o resto da vida, então, beleza. Mas eu tava naqueles momentos de "por que as

coisas são assim?" Aquela *bad* e pá. E aí eu me lembro que quando chove molha toda a cama da minha mãe e a minha mãe tem que dormir na minha cama comigo. Aí a gente foi dormir e tava dando lá o programa do Bial, "Conversas com Bial", e a minha mãe dormindo na minha cama junto comigo, a gente ficou olhando aquilo ali e sabe quem era o entrevistado? Era o Geovani Martins. Bá, foi demais, meu! Eu olhei aquilo e ele foi contando, e tem uma hora que ele fala "a minha mãe segurou as pontas pra mim", não com essas palavras...

E aí tu te identificou?

Claro, eu não conhecia esse tipo de literatura. Minha mãe chorou, ela falava assim: "não posso fazer a mesma coisa". Minha mãe é incrível, cara, e aí eu fui dar um jeito de conseguir uma versão digital do livro dele, baixei pirata, porque eu não tinha dinheiro pra comprar. Eu não sabia que existia aquilo ali, aquilo ali foi oxigênio. Na real, eu tô pulando alguns autores, tem uma série de caras que eu gostei muito e que me inspiraram em vários sentidos. Geovani Martins é um cara que me inspira num sentido específico, ele é um cara que tem uma vivência parecida comigo e escreve sobre coisas que eu me identifico total.

Eu li coisas que não têm absolutamente nada a ver com isso que são caras que me inspiraram também, como da obra que eu tava te falando ali do *Musashi*¹² e foi a única coisa que eu li do cara. Mas eu tinha vontade de ler outras coisas, mas nunca achei. Durante muito tempo esse livro *Musashi* foi meu livro preferido. Sabe o que aconteceu com o *Musashi*? Eu li o *Musashi* inteiro e é gigante, quando eu acabava, ele é um livro tão bom que eu começava a ler de novo. E antes de eu fazer a leitura inteira, olha o que aconteceu, tu tava comentando que tu para pra não chegar ao fim... Tu não quer que acabe, né? A minha estratégia, eu tinha o mesmo sentimento com o *Musashi*, mas a minha estratégia foi diferente, sabe o que eu fazia? Eu lia quinhentas páginas e

¹² O autor se refere a Eiji Yoshikawa, autor japonês que publicou *Musashi (Estação Liberdade)*.

eu: "cara, isso vai acabar, meu..." e eu começava a ler tudo de novo. Tu consegue fazer isso e tu não enjoa, então é um cara que me marcou, pra mim me marcou, pensava "esse autor é muito bom!" Uma linguagem simples, eu achava legal as coisas que ele refletia no texto dele. Voltando àquele assunto da filosofia aplicada, o que eu achava legal eram as coisas que ele observava, nas cenas, como ele escolhia falar. Porque, cara, quando tu tem uma cena, tu tem uma série de coisas que tu pode escolher para falar, sobre o sentimento daquele personagem, ou sobre aquele objeto, ou sobre o clima. As escolhas que ele fazia, eu achava perfeitas, as sacadas e foi um cara que eu admirei durante muito tempo. Ai veio Geovani Martins por esse motivo específico, então, tipo, os meus grandes: Geovani Martins é um cara pra mim que ainda hoje é um escritor incrível, Carolina Maria de Jesus, aquele *Quarto de despejo*, eu quero ler muito outras obras dela. E eu quero fugir disso, dessa ligação com apenas uma obra, quando li, eu achei bom demais *Quarto de despejo*, passei pra minha mãe ler, minha mãe quando leu e foi muito engraçado porque quando minha mãe leu o livro inteiro, a minha mãe lê, só que ela lê livro espírita, a maior parte dos livros dela é espírita, daí ela leu aquele livro inteiro e eu nunca vou me esquecer pelo seguinte: porque eu tava no quarto com calor e fui tomar água, e coincidiu de quando eu tá indo tomar água, ela tava na cozinha lendo, e ela tava acabando o livro, e quando eu cheguei na cozinha ela fechou o livro e me olhou: "acabei!", eu cheguei ali no ponto em que ela acabou. E eu olhei pra ela "E aí?" e sabe o que ela falou pra mim? Ela falou "tchê, eu podia escrever um livro também!" Mas é exatamente isso! É isso! Esse é o sentimento! Então, eu a considero uma grande [escritora].

Conceição Evaristo, minha irmã me deu de presente o *Olhos d'água*. Então, como tu pode perceber, de Agatha Christie passando pelo japonês, chegando ao Geovani Martins, enfim, eu fui me transformando conforme eu podia. Na real, eu tô agora muito a fim de descobrir muita coisa que pra mim, pelo menos, foi de difícil acesso. Agora que eu sou mais consciente, agora que às vezes

eu trabalho e tenho uma grana, e posso buscar o que eu quiser, e que eu tenho consciência sobre algumas coisas, questões raciais, questões sociológicas, uma série de questões, eu me sinto mais livre para escolher as minhas referências.

E tu te considera um escritor da literatura marginal das periferias?

Eu acho que sim, meu. Eu não sei se eu vou conseguir articular o raciocínio bem sobre isso porque isso leva tempo pra tu construir um raciocínio que tu considere completo. O meu raciocínio sobre isso tá em construção. Mas eu vou falar sobre o que eu penso a respeito disso. O que acontece, vou fazer uma analogia: tu já viu que quando as pessoas falam de racismo, aí as pessoas que acham que não existe racismo, por exemplo, elas argumentam aquele lance assim: "não, somos todos iguais, a biologia já demonstrou que não existe diferença entre negros e brancos". Mas acontece que a questão do racismo não nasce da biologia, ela nasce da sociologia. Tu começa a olhar os dados, tu começa a ver como as pessoas negras estão vivendo e vê como a população branca tá vivendo, então... ok. Biologicamente, somos todos a mesma coisa. Mas sociologicamente, não. Então, tem alguma coisa errada! Cara, dessa perspectiva agora trazendo a analogia para o que tu me perguntou, de algum ponto de vista é possível dizer assim "não, cara, eu sou um escritor!" Sabe? Tem gente que tem esse argumento, tem gente, inclusive, da literatura negra, que diz "não, eu não sou um escritor negro, eu sou um escritor! Eu não sou um poeta negro, eu sou poeta!" Mesma coisa acontece com a literatura da periferia, da quebrada. "Eu não sou um autor, um escritor marginal-periférico, eu sou um escritor e ponto! Eu sou um cara que escrevo!" Ok, de algum ponto de vista isso faz sentido, agora do ponto de vista sociológico, digamos, não sei que nome dar a isso... tu vê quem é o tipo de pessoa que vai parar nas editoras, quem é considerado "literatura"? Assim, quando tu pega e diz universalmente: "o cara é um escritor, um prosador". É aquele cara que eu tava falan-

do anteriormente, é o cara que teve uma crise existencial e foi pra Paris pra... essa é a narrativa, umas narrativas absolutamente absurdas, se tu for levar em consideração a maior parte do povo brasileiro. Então, cara, eu acho que por causa do contexto que a gente tem hoje, se faz necessário essa alcunha. Afirmção de identidade...

E aí tem uma outra coisa que eu penso, não sei se é o caso de fazer o seguinte: era uma pergunta que eu queria fazer para a Érica Peçanha naquela palestra e eu não tive coragem porque na época eu não tinha autoestima tão desenvolvida como eu tenho agora, mas na época eu queria fazer essa pergunta e não tive coragem: se não era o caso também, e é uma coisa que eu penso às vezes, de tu fazer uma diferenciação entre "escritor marginal-periférico" e "obra marginal-periférica". Por que isso? Porque o cara da quebrada, mas que já se destacou, daqui a pouco ele resolve escrever uma história em Roma, e aí? Tá, ele é um cara periférico, mas a obra não é, entendeu? E a mesma coisa acontece ao contrário, o cara não é da quebrada, mas ele resolve escrever sobre a quebrada, será que não é uma obra marginal-periférica? É claro que tem gente que sabe fazer isso, mas tem gente que não vai fazer isso bem. Sei lá, meu, tem gente que é bom. Eu fico pensando, eu acho um absurdo assim, quando tu ouve, um exemplo bem absurdo só para fazer uma comparação, quando tu ouve "O meu guri", do Chico Buarque, tu tem certeza que foi uma mulher preta da quebrada que fez aquela música. Como que o cara conseguiu escrever isso? Ele não tem aquela vivência. Ele não tem a vivência de mulher e ele não tem a vivência de gente da periferia, como que ele conseguiu fazer aquilo ali? E é bem-feito. Então, tem gente que sabe fazer e tem gente que não sabe. Então eu fico pensando se não era o caso de criar essa distinção: o escritor marginal-periférico, porque eu sou da periferia e porque moro ainda na periferia; e a obra, a obra é? A obra pode ser ou pode não ser.

Eu percebo que a tua escrita está muito próxima ao que Geovani Martins, Ferréz, Saco-linha e Conceição Evaristo estão escrevendo,

tu concorda com isso?

Pois é, meu, eu não tenho propriedade para falar disso. Eu li muito pouco para falar disso. Como eu tava te falando, durante muito tempo da minha vida eu não pude escolher os livros que eu ia ler. Se eu acho que vai na mesma linha desses autores? Das obras que eu vi, sim. Mas eu tenho vergonha das minhas referências, essa é a verdade, sabe? O grosso do que eu li, não são coisas das quais eu me identifico. De tudo o que eu li na vida, é muito recente essa descoberta. Cara, essa história que eu tava te falando do Geovani Martins foi ano passado, imagina? É muito recente pra mim. Eu li pouca coisa, tem muito mais que eu quero ler. Mas das obras que eu li, total. Vai na mesma linha no sentido de que são vivências que esses escritores apresentam e que a minha mãe tem, são vivências que as minhas tias têm, são vivências que os meus amigos têm, sabe? Toda essa galera que tu citou, eu acho que o meu texto vai pelo mesmo caminho. Eu tenho uma inclinação a filósofo, eu acho que agora me ocorreu o seguinte: o que é o meu texto? Meu texto não é o *Vila Sapo*. Esse trabalho em particular vai muito nessa linha de serem coisas que são comuns pra minha gente. Pra gente da minha gente que não é a galera do Pinheiro, é a galera do Pinheiro, mas é a galera do Capão lá em São Paulo, é a galera do Vidigal no Rio?

Mas a tua escrita é direcionada para alguém?

Eu não gosto desse raciocínio de escrever pra quem. Muita gente fala disso, sabe? Pra quando tu escrever, tu pensar em quem vai ler. Eu nunca parto dessa perspectiva. Como eu tinha te falado, o que eu levo em consideração quando eu escrevo é o que me atormenta na vida, é o que me tira a paz. É que nem eu tinha falado, agora eu vou ter até a oportunidade de te explicar melhor isso. Não é atormentado no sentido ruim, sabe? São até coisas que me dão alegria, pensamentos que me dão alegria, perspectivas, visões de mundo que eu tenho e que me dão alegria. Sabe? E eu penso sobre essas coisas ao longo do dia ou com

recorrência, entende? Pensei hoje e daqui uma semana eu penso de novo, coisas que volta e meia eu penso, é isso o que eu vou aplicar na hora que eu vou escrever. Sabe? É dessa perspectiva que eu faço. Quem vai ler não me interessa, eu não penso nisso mesmo, eu não penso sobre quem vai ler. Tanto o "Um otário com sorte", como esse livro inteiro, o *Vila Sapo*, eu não escrevi com esse pensamento "vou escrever para as pessoas daqui se identificarem, gostarem de ler", não! Eu tava a fim de falar daquelas coisas e com aquela estética, com aquela forma, eu tava a fim. São coisas que me atormentam assim no que diz respeito ao conteúdo e até na forma. Era uma coisa que eu pensei: "eu quero escrever dessa forma, com esse jeito de falar!" E é muito curioso porque eu começo a pensar essas coisas depois que já tá tudo pronto.

O *Vila Sapo*, em particular, acontece uma coisa muito engraçada. Eu vou nas escolas, fui em várias escolas de quebrada, inclusive aqui, e acontece muito em algumas escolas das quebradas que é o seguinte: embora algumas coisas tenham mudado muito em função das cotas, a galera que entrou na universidade é que tá produzindo esse pensamento de toda essa revolução intelectual que tá acontecendo, é dessa galera que entrou. De pensar a questão racial, de pensar a questão da quebrada, são essas pessoas que estão trazendo isso para ali. Pra luz, pro debate. Só que ainda assim, apesar disso, a maior parte das pessoas que tu vê ali, por melhor que seja a intenção dessas pessoas, essas pessoas que tu vê dando aula na quebrada, são gente que não é daqui, entendeu? E aí o que acontece muito?! Eu olho pro *Vila Sapo*, velho, e agora que tá pronto, eu olho pro livro e eu digo o seguinte: infanto-juvenil. Criança de cinco anos pode dar pra ler. Por que eu digo isso? Porque, por exemplo, palavrões, assassinatos, violência, as crianças daqui de cinco anos já estão acostumadas com isso. Não é novidade pra elas essas coisas.

Eu quando era piá, e a maior parte das crianças que eu vejo estão tendo a mesma vivência, o que acontece: a mesma criança deixa cair um copo e quebra, e fala um monte de palavrão. Sabe?

Não tem mistério, entendeu? Elas vivem isso o dia todo. Só que as pessoas que vêm dar aula na quebrada, os professores que às vezes têm a graduação, mestrado e, às vezes, doutorado, e vêm dar aula na quebrada, não são daqui, não têm essa vivência daqui, eles têm uma outra relação com o palavrão, eles têm uma outra relação com a violência, diferentes relações com o mundo. Então, eu chego nos colégios, principalmente quando são turmas mais jovens, e eu leio um conto, e não só o conto, mas na hora que eu vou conversar com a pirralhada ali, e as crianças fazem alguma pergunta, e eu vou me soltando e digo algum palavrão, as professoras falam: "tenta pegar leve com os palavrões, as crianças dessa idade não dá, tenta ler um outro conto mais leve do livro..." Eu olho pra elas e: "cara, tu tá no Pinheiro, tu tá na Restinga, na Bonja, onde é que tu pensa que tu tá, tu acha que as crianças não sabem essas coisas? Essas crianças falam assim, tu não tá entendendo, as crianças falam assim..."

Para encerrar, eu gostaria que tu falasse sobre teus projetos de escrita.

O que acontece, antes quando tu tinha me feito uma pergunta sobre o processo dos contos do *Vila Sapo* e eu falei de um romance, esse romance tá pronto. E agora eu penso em trabalhar nele porque tem um cara que diz isso, eu não sei quem diz isso, mas é uma coisa que eu acho que faz sentido, que a gente publica pra se livrar. Porque se tu não publicar, tu vai olhar: "hum, isso aqui eu acho que dá para mexer..." Então, nunca tá pronto se tu não publicar. Tu publica esse livro e não pensa mais nisso. Agora vou pensar em outra coisa, tu te livra, né? Quando eu escrevi aquele romance, durante o processo, eu pensei no *Vila Sapo*, eu não consegui publicar, mas aquele era o momento para eu publicar. E eu acho que é um romance publicável. Porque eu já li muita coisa ruim que eu ficava pensando, "como esse cara conseguiu publicar um livro?!" E aí quando eu faço essa comparação com aquele romance, eu acho que é um romance publicável. Só que a gente muda, velho, o tempo vai passando, faz

muito tempo que eu acabei aquele livro, eu acho que era 2010, ou 2011, olha quanto tempo faz, eu amadureci como pessoa e como escritor. Claro, hoje eu olho pra esse texto e penso: "bá, cara, eu não fico contente". Então eu penso, embora ele esteja pronto, eu já escrevi um romance inteiro.

Qual é esse?

O nome desse romance é *Os supridores*.¹³ Os personagens principais são aqueles caras que abastecem as prateleiras dos supermercados. Que eles vão se revoltando com a vida e decidem virar traficantes. Só que eles não deixam de trabalhar e eu vou contando a história desses caras, como eles se envolveram no mundo do tráfico e tal. Eu acho que é uma história que vale a pena. E tá pronto! O que acontece, eu olho pro texto, e como eu escrevi já faz alguns anos, quase dez anos, eu olho pro texto e não fico satisfeito com várias coisas no que diz respeito principalmente à forma. O conteúdo tá beleza, mas a forma como é, como eu amadureci, eu olho e não fico satisfeito. Acho que, não sei se foi o Moacyr Scliar que disse, que depois já de muitos livros publicados, ele falou, "todo livro meu que eu olho, eu olho e o sentimento que me dá é de não foi exatamente isso o que eu quis dizer..." E é isso... Depois de publicado não tenho mais domínio.

E aí, então, como não tá publicado, eu quero mexer nesse romance e olhar pra ele agora, o cara que eu sou hoje, o escritor que eu sou hoje, o homem que eu sou hoje, eu quero olhar pra esse texto e me sentir satisfeito. Tem um outro romance que eu tô escrevendo e que tá quase pronto, e esse é diferente porque eu tô escrevendo agora. Então, eu olho pra ele e me sinto satisfeito. Uma pegada completamente diferente. E eu quero concluir esse romance, falta pouco, acredito que no máximo em dois meses eu consiga.

Então, recapitulando, tem um romance que eu quero alterar e um romance que eu tenho que concluir, mas falta pouco. Eu andei separando

minhas crônicas porque eu comecei a escrever para uma revista digital, em forma de Newsletter¹⁴. O que acontece, é complicado tu escrever um texto por semana, assim tendo que fazer um bico pra trapamar, pra conseguir dinheiro, um monte de coisa, como é difícil! Mas eu tive um insight, eu vou separar minhas crônicas, tudo o que eu tenho, a última vez que eu tinha contado, eu tinha setenta. Então, eu tento escrever toda semana um texto, se não dá, eu vou lá procurar nas que estão prontas. Comecei a separar essas crônicas e aí eu comecei a receber algumas propostas para publicar livro de crônicas. Esses dias eu comecei a entrar em contato com um cara da Todavia que ficou interessado no meu trabalho e achei demais! A ficha nem caiu ainda. E o cara gostou dos meus textos, o cara quer publicar alguma coisa minha, ele não quer saber se ele curte crônica, se é romance, e como eu tenho bastantes crônicas separadas, isso é uma outra coisa que eu penso também, de publicar, de já reunir, e fazer um livro de crônicas, esses são os projetos que eu tenho.

Aí, de projeto novo, mentalizando o que eu quero fazer depois de alterar o que eu tenho que alterar no romance, depois de concluir o romance que tá em construção, depois de reunir as crônicas e fazer acontecer o livro de crônicas, a minha vontade é de escrever um romance que tá martelando na minha cabeça, que tá explodindo, que tá querendo sair, sabe? E eu quero fazer um tijolão porque eu tenho consciência de que é uma história de que não vai dar pra expressar em poucas palavras. Vai ser uma história gigantesca, sabe aqueles livros que param de pé? Livros que tu larga e eles ficam de pé?! Vai ser um livro grosso assim e são essas ideias que eu tenho. É o que eu tô fazendo e é o que eu quero fazer ainda.

Pelo jeito é uma história que tu já tem....

Sim, é uma coisa que eu quero escrever há

¹³ Romance publicado em 2020 pela Editora Todavia.

¹⁴ O autor se refere à revista digital Parêntese. Disponível em: <https://www.matinajornalismo.com.br/parentese>. Acesso em: 28 set. 2021. A reunião de algumas dessas crônicas originou o livro *Mas em que mundo tu vive?*, publicado pela Editora Todavia em 2021.

muito tempo, faz tempo que eu quero escrever sobre isso.

André Natã Mello Botton

Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; doutorando em Letras na mesma instituição. Bolsista de doutorado do CNPq.

Endereço de correspondência

André Natã Mello Botton
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Av. Ipiranga, 6681, Prédio 8, sala 403
Partenon, 90619-900
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.